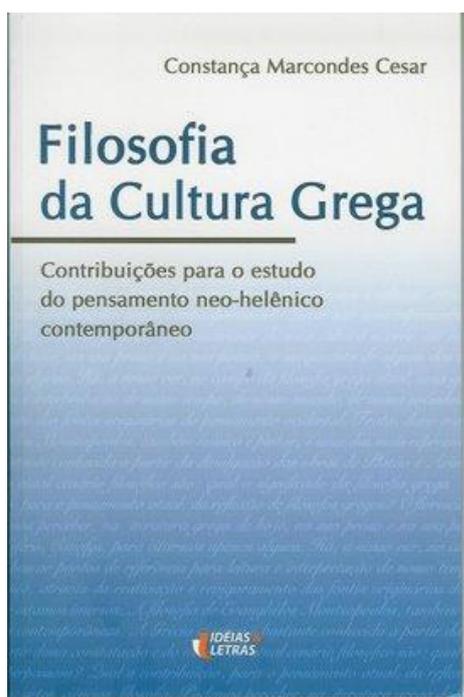


A Kairicidade do Pensamento Neohelénico: a Obra de Evaghélos Moutsopoulos

A propósito de Constança Marcondes César - *Filosofia da Cultura Grega. Contribuições para o Estudo do Pensamento Neo-Helénico Contemporâneo*, Aparecida, São Paulo, Ideias e Letras, 2008

Prof. Dr. Paulo Ferreira da Cunha
Catedrático da Universidade do Porto
lusofilias@gmail.com



Retomemos, antes de mais, a tese de uma helenista de renome, Jacqueline de Romilly, da Académie française :

« La Grèce n'a conquis aucun peuple. Elle n'a donné ses institutions à aucun. Elle n'a même pas su faire son unité.

Elle a été vaincue par les Macédoniens, puis par les Romains. (...) La culture des Grecs n'avait *a priori* aucune chance de se répandre hors la Grèce – trop heureux si elle s'y maintenait. » (*Pourquoi la Grèce*, Paris, Editions de Fallois, 1992, p. 13)...

E contudo... Se há um *milagre grego* ele terá sido, realmente, a difusão e a perenidade do seu pensamento. Milagre de ontem, e de hoje, que queremos persista e se desenvolva amanhã, apesar da nossa « deseducação obrigatória » e barbarização crescentes.

Do outro lado do Mundo (se nos localizarmos no *omphalos* helénico), a pensadora brasileira Prof.^a Doutora Constança Marcondes César, da Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, também membro activo do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, especialista em ética, e que trabalha presentemente sobre a temática da « crise e liberdade » no pensamento de Merleau Ponty, acaba de oferecer à comunidade científica internacional um estudo muito afastado dos lugares comuns preconceituosos em alguns círculos pretensamente bem-pensantes (mas na verdade etnocêntricos) do hemisfério Norte sobre o pensamento dito « tropical » (já no nome há preconceito). Os quais, felizmente, pela qualidade auto-evidente das obras que nos chegam do Brasil, designadamente, se vão tendo que render à evidência da alta qualidade dos estudos em terras de Vera Cruz.

Um poema conhecido no mundo lusófono, de Olavo Bilac, canta a língua portuguesa como « Última flor do Lácio ». É um tópico em alguns sociolectos. Porém, se a língua portuguesa é, sem grande controvérsia, de origem latina, as raízes filosóficas do pensamento luso-brasileiro, e lusófono em geral, são, obviamente, de fonte helénica. Como não o seriam?

E tão helénicas são essas influências fundantes, que uma lenda medieval, recolhida pelo erudito Pinharanda Gomes, no seu *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, chega ao cúmulo « piedoso » de atribuir uma pretensa « verdadeira » nacionalidade lusitana ao grande filósofo a quem chamamos, pela sua naturalidade, « Estagirita ». Mito que revela como se desejava ser aristotélico a todo o custo nesses tempos.

Não surpreende que um dos nomes notáveis da filosofia actual do Brasil se debruce sobre o pensamento grego. O que é mais interessante e digno de nota é que um tal empreendimento se referira à contemporaneidade. Com efeito, centra a Professora Constança Marcondes César o seu estudo no pensamento neo-helénico, por assim dizer simbolizado num nome, de prestígio internacional : o filósofo, historiador da filosofia, compositor, musicólogo e pintor Evanhélos Moutsopoulos (nascido em Atenas, em 25.I.1930), e membro da Academia de Atenas: figura ímpar (e dir-se-ia no jargão de hoje « incontornável » ou « imperdível ») da unidade do pensamento e da cultura, à boa maneira helénica, mediterrânica e europeia clássicas.

Neste elegante estudo, a Professora Marcondes César procura captar as grandes linhas do pensamento grego contemporâneo, servindo-se para tanto de fontes helénicas coevas (p. 7 ss.). Chega à conclusão de que se trata de um pensamento muito rico, pela sua pluralidade : fenomenologia, filosofia analítica, existencialismo, ou hermenêutica, por exemplo, são correntes e orientações de relevo, em curso na Grécia actual. Todavia, com maior importância ainda que esta variedade (em si, de facto, não particularmente original face ao que se desenvolve noutros países e áreas culturais), avulta o regresso dos pensadores gregos contemporâneos às fontes clássicas da sua própria tradição, por um lado, e, por outro, a reflexão ética e política que têm empreendido sobre problemas actuais. Do mesmo modo, é de salientar o estudo, a

partir da Hélade contemporânea, das influências sucessivamente recebidas ao longo da acidentada História grega, de tantos contactos com outros povos e culturas. A preocupação pela originalidade nacional é notória, sendo de sublinhar o interesse neo-aristotélico e uma sedução revelada pelo pensamento bizantino, entre outros aspectos (pp. 13-14).

Neste contexto, que é simultaneamente de abertura a uma filosofia universal e de ensaio de uma recuperação da filosofia nacional (sempre a velha questão das filosofias nacionais...), a imensa e inspiradora obra de Moutsopoulos ocupa um lugar de enorme relevo. O autor não seria apenas o introdutor do método estruturalista na Grécia. Foi, durante anos, e continua sendo, inspirador de sucessivas gerações de pesquisadores e docentes (p. 19). Além de cultor de várias disciplinas, e vulto interdisciplinar, é reconhecido como o criador epistemológico de uma *scientia* nova, a Filosofia da Cultura Grega (p. 50 ss).

Na verdade, não ficaria por aí : a ele se deve ainda o surgimento de uma outra *episteme*, uma nova Filosofia Estética, designadamente da Música (v., v.g., p. 132). E a sua redescoberta das fontes de da « maneira » clássica e europeia contribuirá sem dúvida para uma civilização planetária, e a humanização do globo, se for escutada (p. 143).

O livro de que falamos encontra-se muito enriquecido com uma cronologia de Moutsopoulos, deveras útil (pp. 27-47). Para o fim da obra, a Professora Marcondes César empreende um diálogo muito interessante entre Heidegger, Marcuse e o filósofo grego que estuda (p. 197 ss.). Não se podem ainda deixar de sublinhar outros diálogos da autora, designadamente com autores gregos contemporâneos (diálogos esses por vezes pessoais), como Roxane Argyropoulos, Anna Kelessidou e Maria Protopapas-Marnelli, entre outros.

O trabalho encontra-se articulado em três eixos, correspondentes aos três principais tópicos do pensamento do autor : *Kairós*, *poiésis*, *eleutheria* (pp. 119 ss.). Existem, aliás, relações profundas entre os vários elementos da tríade desenvolvidos pelo autor em múltiplos estudos (e um dos mais recentes é precisamente *Kairicité et Liberté* – esse « lugar imanente da transcendência » - , publicado pelo Centre de Recherche de la Philosophie Grecque de l'Académie d'Athènes, em 2007).

Mas, entre os três, o *Kairos*, com razão, é considerado neste livro como o conceito-chave da filosofia da cultura grega desenvolvida pelo autor (p. 57 ss.). E a análise deste *Oberbegriff* ocupa, com acerto, a parte mais vasta desta obra brasileira (pp. 57-117).

A complexidade da ideia de *Kairos*, em geral, e em particular o seu trabalho paciente e rigoroso, mas também apaixonado, ao longo de toda uma vida dedicada ao estudo e à criação, como a de Moutsopoulos, é insusceptível de se resumir em poucas páginas. E contudo o esforço analítico da pesquisadora brasileira é muito de louvar, na medida em que surpreende as metamorfoses proteicas (aspectos epistemológicos, ontológicos, axiológicos – todos são de atentar) deste *quid* derrapante e quase inapreensível para os espíritos menos subtis e menos agudos.

Constança Marcondes César começa o seu trabalho inspirada pelos estudos de Monique Trédé (uma das interlocutoras intelectuais de Moutsopoulos, nesta matéria) encarando o *Kairos*, no plano temporal, enquanto momento crucial, *acmé*, ou então momento de crise. No plano espacial, liga-o sobretudo ao corpo humano, como ponto crítico, diríamos nós o « calcanhar de Aquiles ». E no plano da acção, por fim, é visto

o *Kairos* como momento de ruptura, de decisão, de julgamento activo. Mas a questão prolonga-se, para se ver o *Kairos* sob ainda diversos ângulos, como momento propício, tempo oportuno ou ocasião favorável, etc.

A riqueza e imensidão enciclopédica da obra de de Moutsopoulos é um tanto como o próprio *Kairos*. Sobretudo se retomarmos o epigrama de Poseidipo, a propósito da divindade homónima, esculpida por Lisipo.

Com efeito, desde o início desse diálogo clássico que a estátua se apresenta como « Kairos, o grande adestrador », ou « o domador de tudo ». É, de qualquer forma, um radical desafio, e um momento denso de vera existência.

(recebido para publicação em 19-01-09; aceito em 25-01-09)